

Teologia das Religiões 2

**Denise Pereira
(Organizadora)**

Denise Pereira
(Organizadora)

Teologia das Religiões 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	Teologia das religiões 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Teologia das Religiões; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-386-6 DOI 10.22533/at.ed.866190706 1. Religião. 2. Teologia – Estudo e ensino. I. Pereira, Denise. II.Série CDD 200.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A teologia das religiões vem ganhando destaque na contemporaneidade. Deste modo a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem dá os primeiros passos acadêmicos nos estudos teológicos, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate teológico das e sobre as religiões, quais seriam os caminhos mais adequados para nos situarmos. Os diversos autores investigam as questões mais prementes e que nos tocam mais de perto, tendo em vista a diversidade de contextos eclesiais e acadêmicos em que cada pessoa ou grupo está envolvido.

E se propõem a mostrar o que pesquisadores da religião, de diferentes áreas: teologia, sociologia, história e antropologia, ao analisarem o que diferentes confissões e partes do mundo, estão dizendo a respeito do tema.

Desde o século XIX, a teologia das religiões tem desafiado a cientistas da religião, a observarem os encontros e o desencontros do cristianismo com as demais religiões.

A perspectiva pluralista das religiões interpela fortemente o mundo atual e, particularmente, o contexto teológico latino-americano, especialmente pela sua vocação libertadora e pelos desafios que advém de sua composição cultural fortemente marcada por diferenças religiosas que se interpenetram nas mais diferentes formas. A Teologia Latino-Americana da Libertação, dentre os seus muitos desafios, tem elaborado uma consistente reflexão sobre os desafios do pluralismo religioso.

Sendo assim, “Teologia das Religiões” é uma abordagem impactante, por vezes, controverso e até mesmo conflitivo, os autores consideram que apresentar um leque de diferentes autores e perspectivas seria uma contribuição significativa e relevante.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DESPEDIDA DA METAFÍSICA E O CRESCIMENTO DOS SEM RELIGIÃO	
Omar Lucas Perrout Fortes de Sales Clóvis Ecco	
DOI 10.22533/at.ed.8661907061	
CAPÍTULO 2	8
CATOLICISMO E OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES : O EMBATE ENTRE A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A HERMENÊUTICA DA CONTINUIDADE NO CATOLICISMO ROMANO E BRASILEIRO	
Alfredo Moreira da Silva Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.8661907062	
CAPÍTULO 3	21
A BÍBLIA HEBRAICA NA TRADIÇÃO RABÍNICA: UMA ABORDAGEM ACERCA DA LITERATURA JUDAICA	
Daniela Susana Segre Guertzenstein	
DOI 10.22533/at.ed.8661907063	
CAPÍTULO 4	35
A COMUNICAÇÃO E AS DIFERENÇAS CULTURAIS PERCEBIDAS: LENTES PARA COMPREENDER OS ENCONTROS ENTRE JESUS, A MULHER SAMARITANA E OS BRASILEIROS	
Marcelo Eduardo da Costa Dias	
DOI 10.22533/at.ed.8661907064	
CAPÍTULO 5	46
A IMANÊNCIA E A TRANSCENDÊNCIA NA OBRA DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA	
Marcos Benaia Oliveira Ferreira Maria Aparecida Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.8661907065	
CAPÍTULO 6	52
A LEI DE PAULO E O “VÍCIO FORMAL”: A UNIVERSALIZAÇÃO PAULINA E A IMPESSOALIDADE DA CRENÇA COMO BASES PARA A RACIONALIDADE OCIDENTAL	
Giuliano Martins Massi	
DOI 10.22533/at.ed.8661907066	
CAPÍTULO 7	60
A PERSPECTIVA RELIGIOSA DE ADOLESCENTES INFRATORES DA GRANDE BELÉM	
Weslley Cardoso de Sousa Jessica Rocha de Souza Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.8661907067	
CAPÍTULO 8	73
A REFORMA PROTESTANTE ONTEM E HOJE	
Mayumi Busi	
DOI 10.22533/at.ed.8661907068	

CAPÍTULO 9	82
A UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS POR LÍDERES RELIGIOSOS E A PERCEPÇÃO DE SEUS SEGUIDORES VIRTUAIS	
Peter Michael Alves Rodrigues Ramos Edvaldo Leal Filho	
DOI 10.22533/at.ed.8661907069	
CAPÍTULO 10	94
A VISIBILIDADE MIDIÁTICA E A PÓS MODERNIDADE AS RELIGIÕES E AS REDES SOCIAIS	
Maria Neusa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.86619070610	
CAPÍTULO 11	105
ANA PAULA VALADÃO: POLÊMICAS MIDIÁTICAS NA RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E GÊNERO	
Miriã Joyce de Souza Sales Capra	
DOI 10.22533/at.ed.86619070611	
CAPÍTULO 12	116
CATOLICISMO POPULAR: A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NO MUNICÍPIO DE MONTE DO CARMO-TOCANTINS	
Valdir Aquino Zitzke	
DOI 10.22533/at.ed.86619070612	
CAPÍTULO 13	128
FESTA DE SANT'ANA: UMA CULTURA COMO CRENÇA NA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR	
Denise Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.86619070613	
CAPÍTULO 14	138
CELEBRAR PARA VENCER: RELIGIOSIDADE NO FUTEBOL	
Osvaldo Fiorato Junior	
DOI 10.22533/at.ed.86619070614	
CAPÍTULO 15	152
CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTONOMIA CORPORAL DAS PESSOAS TRANSEXUAIS NO PRISMA JURÍDICO-RELIGIOSO DA REPÚBLICA MUÇULMANA DO IRÃO*	
Paulo Adroir Magalhães Martins	
DOI 10.22533/at.ed.86619070615	
CAPÍTULO 16	160
CONTRA A “MÁ IMPRENSA” A “BOA IMPRENSA”: PERIÓDICOS A SERVIÇO DA IGREJA CATÓLICA	
Andressa Paula	
DOI 10.22533/at.ed.86619070616	
CAPÍTULO 17	171
DE MORNENSE A SÃO PAULO: A EDUCAÇÃO CATÓLICA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA E A CRIAÇÃO DO COLÉGIO DE SANTA INÊS (1908-1934)	
Julia Rany Campos Uzun	
DOI 10.22533/at.ed.86619070617	

CAPÍTULO 18	182
DO QUE RIEM OS PENTECOSTAIS?: REFLEXÕES SOBRE OS NOVOS HUMORISTAS GOSPELS NA GRANDE REDE	
Wesley Silva Bandeira	
DOI 10.22533/at.ed.86619070618	
CAPÍTULO 19	193
IDENTIDADE ESPÍRITA NO BRASIL E EM PORTUGAL: UMA COMPARAÇÃO INSTITUCIONAL	
Jose Pedro Simões Neto	
DOI 10.22533/at.ed.86619070619	
CAPÍTULO 20	212
JUSTIÇA TOMISTA NO SÉCULO XXI?	
Moacir Ferreira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.86619070620	
CAPÍTULO 21	218
LO RELIGIOSO COMO ORDEN SOCIAL Y COMO EXPERIENCIA SUBJETIVA. CONSIDERACIONES ONTOGENÉTICAS	
Manuel Martínez Herrera	
DOI 10.22533/at.ed.86619070621	
CAPÍTULO 22	232
O TARÔ E A PRÁTICA ORACULAR NA ERA DA MUDIATIZAÇÃO ESPIRITUAL	
Kelma Amabile Mazziero de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.86619070622	
CAPÍTULO 23	244
OS ITINERÁRIOS DA EDUCAÇÃO CATÓLICA NO TOCANTINS: 1904 A 1988	
César Evangelista Fernandes Bressanin	
Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.86619070623	
CAPÍTULO 24	254
ROLO DE GRAVURA (<i>PICTURE ROLL</i>) E A ESTRATÉGIA ADVENTISTA DE EVANGELIZAÇÃO INFANTIL E GLOBAL ENTRE 1915 E 1999	
Elder Hosokawa	
Cleyton Ribeiro de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.86619070624	
CAPÍTULO 25	268
SANTOS, ÍNDIOS E MALANDROS NO CULTO DE MARIA LIONZA	
Daniela Calvo	
DOI 10.22533/at.ed.86619070625	
CAPÍTULO 26	281
UM CANDEEIRO DE SOFIA: O CASO DA IGREJA RASTAFÁRI E SEU LÍDER, RAS GERALDINHO	
Osvaldo Fiorato Junior	
DOI 10.22533/at.ed.86619070626	

CAPÍTULO 27 290

“POBRES ENTRE OS POBRES, MARGINALIZADOS ENTRE OS MARGINALIZADOS, OS ELEITOS DE DEUS”: MESSIANISMO E POBREZA ENTRE OS ISRAELITAS DA NOVA ALIANÇA NA AMÉRICA LATINA

[Lucía Eufemia Meneses Lucumí](#)

DOI 10.22533/at.ed.86619070627

SPBRE OS ORGANIZADORES 314

CATOLICISMO E OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES : O EMBATE ENTRE A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E A HERMENÊUTICA DA CONTINUIDADE NO CATOLICISMO ROMANO E BRASILEIRO

Alfredo Moreira da Silva Júnior
(UENP-PQ)

Doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP, Professor Adjunto do Centro de Ciências Humanas e Educação da Universidade Estadual do Norte do Paraná - alfredo@uenp.edu.br

RESUMO: Este trabalho visa o estudo de documentos da cúria romana e da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil , sobre o impacto da Teologia da Libertação e da Hermenêutica da Continuidade no âmbito interno do catolicismo romano e brasileiro, bem como, sua influência na organização social e política no Brasil, notadamente na década de 1970 e 1980. Interessa-nos ainda, entender a partir da perspectiva da história das religiões, os diferentes posicionamentos da cúria romana sobre o tema tendo como recorte temporal os pontificados de Paulo VI a Francisco. Como arcabouço teórico e metodológico para a compreensão das fontes, recorreremos ao uso da hermenêutica, ao conceito de representações coletivas e representações sociais e por fim, buscaremos entender como se processou a construção das identidades sociais dos indivíduos e grupos envolvidos no embate entre essas duas correntes teológicas.

PALAVRAS-CHAVE: catolicismo, hermenêutica

da continuidade, teologia da libertação, interpretações

INTRODUÇÃO

Uma das questões latentes, já às vésperas do Concílio Vaticano II (1962-1965), dizia respeito à posição da Igreja perante a pobreza, mazela que persistia nos países desenvolvidos e se disseminava em países de capitalismo periférico e nas ex-colônias que se emancipavam dos países neocolonialistas a partir do final da II Grande Guerra.

O grupo de bispos intitulado pela imprensa “progressistas” defendeu, durante o Concílio, uma “Igreja dos pobres” ou “Para os pobres”, chegando, inclusive, a assinar um pacto que instituiu a simplicidade como forma de vida e a abstinência ao luxo e a riqueza. Tal documento, conhecido como Pacto das Catacumbas, sintetizava claramente o ideário desse grupo de bispos dos quais, o brasileiro D. Hélder Câmara era um dos líderes.

Apesar do empenho dos bispos progressistas, não constou nos documentos conciliares uma menção direta à Igreja dos Pobres, ou seja, de uma Igreja engajada cuja ação prioritária fosse voltada à pobreza como seria, mais tarde, definido pelo CELAM em Medellín . A década de 1960 é vista como um

marco divisório entre o otimismo ocidental Pós-Guerra e a contestação, sobretudo dos jovens, à opressão capitalista e aos modismos da sociedade de consumo que se impunham, a todo custo, naquele contexto de opressão política e social, especialmente por conta da Guerra Fria. O ano de 1968 foi, especificamente marcado por uma série de manifestações políticas no âmbito mundial, considerado até hoje não só o marco contra as imposições sociais e políticas fruto da sociedade de consumo, mas também do totalitarismo soviético, no caso dos países do leste europeu. Nos anos 60, tem-se no Brasil, um crescimento econômico que ainda reflete o nacional desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek, porém, a desigualdade social crescia num ritmo ainda maior que a economia, de forma que: Não bastasse a concentração de renda nas mãos dos mais ricos, no período, a partir de 1958 a 1969, constantes perdas salariais contribuíram para a perda do poder aquisitivo da população mais carente. Além dessas questões latentes, o endurecimento da ditadura com flagrante desrespeito aos direitos humanos, notadamente após o Ato Institucional nº 5, levaram amplos setores da Igreja Católica a se engajarem numa luta silenciosa contra os abusos cometidos pelos militares em nome da “defesa nacional” .

A Igreja Católica brasileira, progressivamente deparou-se com um panorama desolador: a repressão política aliada a uma política econômica que estava atrelada aos interesses do capitalismo internacional sobretudo, norte-americano, que conduzia a uma inflação constante, dilapidando os salários e comprometendo a já cambaleante renda dos trabalhadores.

Os militares conseguiram assegurar o crescimento econômico à custa de obras faraônicas como a Rodovia Transamazônica e a Hidrelétrica de Itaipu, gerando, contudo o aumento crescente da dívida externa brasileira. Em meio ao desenrolar desse quadro cada vez mais caótico para a Igreja latino-americana aconteceu em 26.08.1968, a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín, cujas discussões convergiam para os problemas sociais (ampliação da densidade demográfica, baixa renda per capita, índice de analfabetismo inaceitável) e para os problemas internos da Igreja, a crise nas vocações e a crise no sacerdócio.

Infelizmente, o embate entre os bispos progressistas e os tradicionalistas que, num primeiro momento se mantinha num patamar meramente retórico, foi assumindo proporções cada vez maiores, gerando um mal-estar dentro da Igreja e comportamentos antagônicos entre os lados oponentes pois, enquanto bispos progressistas como D.Hélder Câmara, buscavam a todo custo implementar uma ação pastoral voltada para os mais carentes e, ao mesmo tempo, combater os abusos cometidos pela ditadura militar contra os opositores do regime. Os bispos tradicionalistas, por sua vez, apoiavam incondicionalmente a ditadura militar - entre eles, D. Geraldo Sigaud foi o que acabou tendo maior destaque .

O grupo progressista, por sua vez, queria sim, fazer uma “revolução no país”, porém, não no sentido marxista do termo, mas, no sentido de conscientização das massas, de melhorias nas condições de vida da população e, pelo caminho da não

violência.

De fato, os discursos progressista e conservadores-tradicionistas declaram um “engajamento de Deus”, presente nos textos de maneira explícita, principalmente na fala tradicionalista que preceituava a demonização não só do comunismo mas também de seus seguidores e simpatizantes. Bradavam os tradicionalistas é preciso derrotá-los para que o bem triunfe sobre as “forças das trevas”, para isso, é necessário estar do lado de Deus, ou seja, da tradição. No discurso progressista, as sutilezas são maiores, estão presentes em frases como “caminhada libertadora”, “o povo de Deus” - não ataca o adversário diretamente mas sugere que os opositores dessas idéias se vislumbrem como tal; afinal, se existe uma caminhada rumo à libertação, visa a libertação de quê ? Pode ser tanto do pecado e dos males causados por este, como da opressão política e econômica que predominava na época. Outro ponto interessante é a expressão “povo de Deus”, quase sempre vislumbrado como os oprimidos e os pobres - se estes são o povo de Deus, a burguesia opressora, o que seria? Ou melhor, seriam o povo de quem?

Teologia da Libertação x Hermenêutica da Continuidade : Primeiras Aproximações

Giuseppe Alberigo definiu o Vaticano II como um verdadeiro evento, ou seja, seus efeitos foram muito além dos documentos que produziu. Se analisarmos as interpretações sobre os documentos conciliares a partir das Conferências Episcopais de Medellín e Puebla veremos que, ao menos em relação à Igreja Latino-Americana, Alberigo estava certo.

No caso de Medellín, o próprio tema do CELAM era : A igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio: uma oportunidade de repensar os textos conciliares a partir de uma realidade diferente da realidade europeia, uma tentativa de buscar novos caminhos para a Igreja latino-americana.

No caso específico da Igreja Brasileira, podemos observar que mesmo após o Concílio, o modelo de catolicismo romanizado acabou se mantendo na maioria das dioceses, em parte devido à apreensão dos bispos ante o novo regime instaurado, em parte devido à sua inércia na aplicação do novo modelo pastoral indicado nos documentos conciliares . Assim, Medellín significou, antes de mais nada, um ponto de partida para a Igreja do Brasil repensar seus problemas, suas especificidades e partir para um novo projeto de Igreja não mais europeizado, mas ao encontro das necessidades do povo brasileiro e latino-americano .

O Cardeal Juan Landázuri abre a Conferência com um discurso bastante contundente em defesa da necessidade de mudanças na Igreja, sustentando-se nas palavras do próprio Paulo VI : “No pastor define-se uma primeira tomada de posição: defender o que existe; mas isto não basta, seja porque o que existe não é adequado à totalidade da população e das necessidades, seja porque o que existe é atingido e

arrastado pelo movimento e transformação”. (ORTH, 1977, p. 23)

O novo projeto para a Igreja, não significou, contudo, um rompimento com Roma. Foi, antes de mais nada, uma nova diretriz pastoral surgida como resposta aos desafios que se impunham diante da complexidade dos problemas enfrentados pela igreja latino-americana – vale dizer, os mesmos problemas da Igreja Europeia em relação ao mundo moderno somados à pobreza, à exploração e ao estabelecimento de regimes políticos autoritários . Neste sentido, Medellín frisou não uma oposição, mas, sobretudo as diferentes características entre a Igreja católica europeia e a latino-americana .

A preocupação fundamental da maioria dos bispos era repensar as estratégias pastorais da Igreja Latino americana, levando-se em conta não só o contexto religioso , mas também o político, o social e o cultural.

A base das discussões em Medellín eram os textos do Vaticano II, a interpretação dos mesmos a partir do contexto latino-americano, avançando durante as discussões em Medellín, quando surge a base para uma nova teologia que, visualizando os documentos do Concílio, sobretudo a *Gaudium et Spes* e a *Lumen Gentium*, propõe uma Igreja mais voltada para o mundo, aberta a seus problemas e agindo no sentido de conscientizar os pobres sobre a libertação e superação da pobreza.

Nas conclusões de Medellín, aparecem oito pontos principais que muito sinteticamente enumeramos a seguir : 1° A Igreja Latino-Americana “ se voltou para o homem” ou seja, “para conhecer a Deus é necessário conhecer o homem”. 2° Para tomarmos conhecimento do presente é preciso voltar ao passado da Igreja na América-Latina, aceitando o julgamento da história sobre os momentos de “luzes e de trevas” da instituição. 3° Não basta refletir, obter maior clareza e falar. É preciso agir. 4° É preciso aceitar a rapidez das transformações da América-Latina e ser consciente de que tais transformações afetam todos os níveis do homem, desde o econômico até o religioso. 5° As transformações, anteriormente citadas, devem ser acompanhadas da valorização do homem em sua totalidade. 6° Assim como o povo de Israel no Êxodo, o povo latino-americano, como Povo de Deus”, deve caminhar rumo ao desenvolvimento com condições de vida verdadeiramente humanas. 7° É preciso unir, numa síntese, o novo e o antigo, o espiritual e o temporal. 8° Renovou-se, em Medellín, o Mistério de Pentecostes , em torno de Maria a Mãe da Igreja.

Após Medellín, a percepção de uma Igreja latino-americana com características e peculiaridades próprias surgiu e permaneceu até hoje. Para tanto, o documento-síntese de Medellín, fugiu do discurso de neutralidade, próprio dos documentos produzidos em Roma, e apontou situações concretas e conflitivas. Suas conclusões apontam três tópicos fundamentais para uma nova atitude pastoral: a promoção do homem e dos povos aos valores da justiça, paz, educação e família; evangelização e maturação na fé, dos povos e de suas elites, através da catequese e da liturgia; o papel dos membros da Igreja na intensificação de sua unidade e da ação pastoral através de estruturas visíveis, adaptadas às novas condições do continente.

Um ano após a Conferência Episcopal de Medellín, o secretariado Geral da CNBB enviou ao episcopado brasileiro um importante documento preparado por um grupo de peritos sobre a “ Realidade político econômico-social –cultural o País e a Lei” , tratava-se, segundo as palavras de Dom Aloísio Lorscheider, de um documento confidencial para uso interno, e que poderia servir para orientação e acompanhamento dos acontecimentos.

Quase onze anos depois, realiza-se a terceira conferência do episcopado latino-americano em Puebla de Los Angeles no México e o texto oficial dessa conferência mostrou, a nosso ver, um reconhecimento da validade de Medellín quanto às questões sociais, porém, ao mesmo tempo, serviu como um verdadeiro “freio” a qualquer tentativa de radicalização na atuação da Igreja rumo a uma transformação social e política.

O termo “libertação” foi bastante discutido, porém despojado de seu sentido ideológico: a libertação passou a ser, sobretudo, libertação do pecado . A exploração e as mazelas de um sistema econômico predatório sobre os países latino-americanos foi denunciada, mas o comedimento sobre o papel da Igreja para reverter esta situação predomina em todo o documento - os radicalismos ficaram em Medellín .

Os grupos de interesse, defensores da Teologia da Libertação, de um lado, e de outro, os de posições mais conservadoras, que se formaram até mesmo antes da Conferência, não se deram por vencidos, ainda que não concordassem com o documento final fruto de acomodações, em parte, possíveis pela postura do papa e pelo desejo de união da Igreja Latino Americana . Finda a Conferência, representantes dos dois grupos mostram, muitas vezes, leituras completamente antagônicas sobre as conclusões de Puebla. Tomemos como exemplo Frei Beto e Monsenhor Trujillo . O primeiro realiza a leitura dos documentos de Puebla de uma maneira inteiramente voltada à valorização da opção pelos pobres e pela profecia, publica, então, um livreto voltado para as Comunidades Eclesiais de Base intitulado “Puebla para o povo” - neste trabalho, Frei Beto mescla suas interpretações a respeito das conclusões de Puebla e diálogos com personagens fictícios do meio camponês e operário os quais colocam suas dúvidas para, em seguida, serem esclarecidas por Frei Beto que, aliás, não disfarçou sua referência pelo socialismo neste livro.

Frei Beto em seus “diálogos, aponta que Puebla lembra o Concílio Vaticano II no que tange à opção pelos pobres que, por sua vez, devem exigir justiça e não receber ajuda e caridade. A classe operária precisaria, pois, se organizar e se fortalecer para conseguir sua libertação. Diametralmente oposta era a visão de Monsenhor Trujillo. Sua posição era de que, alguns teólogos, desde Medellín, teriam extrapolado completamente o sentido original da opção pelos pobres e, após Puebla, continuariam insistindo em opiniões em que a base ‘pobres’ toma a força de uma classe social ‘o proletariado’ e as comunidades eclesiais de base se apresentam como engrenagem da luta proletária” (TRUJILLO, 1979, p. 08-09).

As comunidades de base eram, para Trujillo, um campo fértil para a implantação de ideologias marxistas. Por isso, defendia que estas deveriam, segundo sua

interpretação dos documentos de Puebla, adaptarem-se às pastorais das grandes cidades latino-americanas, evitando um isolamento. A visão de Trujillo sobre as CEBs é de que elas seriam fortemente influenciadas “pelos desvios e interpretações com que alguns desvirtuaram o espírito de Medellín” .

A percepção de Igreja como Mãe e Mestra, da Igreja como mistério de comunhão e verdade sobre o homem, prevaleceu no documento de Puebla e é justamente essa concepção que Trujillo irá defender durante o Pontificado de João Paulo II e Bento XVI, até sua morte aos 72 anos de idade.

Nas visões antagônicas expostas, temos uma prévia do que ocorreria em termos de conflito entre os defensores da Teologia da Libertação e os Neoconservadores na década de 1980: a Igreja Latino-americana continua, em seu discurso, utilizando referenciais próprios da Teologia da Libertação, porém as práticas pastorais vão, cada vez mais, se afastando da práxis marxista e do viés político muito presente nas décadas de 1960 e 1970.

Ao longo dos anos 80, o neoliberalismo econômico vai se firmando como modelo econômico hegemônico nos países capitalistas. Ao mesmo tempo, as ditaduras militares patrocinadas pelos EUA sofrem um desgaste cada vez maior causado, em grande parte, pelas políticas econômicas catastróficas e à corrupção.

Enquanto isso, do outro lado do Atlântico, em 13 de maio de 1981, o Papa João Paulo II sofreu um atentado, na Praça de São Pedro, no Vaticano. O turco Mehemed Ali Agca desferiu contra o Papa três tiros, a poucos metros de distância, ferindo gravemente o Pontífice no estômago, no cotovelo e na mão esquerda. O Papa foi submetido a uma cirurgia de mais de cinco horas para estancar a hemorragia interna e teve uma parte do intestino retirada. Recuperando-se do incidente, João Paulo II creditou a Nossa Senhora o fato de ter sobrevivido. Curiosamente, em 13 de maio teria ocorrido uma das aparições de Nossa Senhora às crianças em Fátima, e o papa, pouco tempo depois de sua recuperação, foi lá para agradecer a virgem por ela ter salvo a sua vida .

As aparições da Virgem em Fátima passaram a ser lembradas pela Igreja Católica como um sinal e um chamado para a luta contra o comunismo e, ao que tudo indica, após o atentado, a determinação do papa em lutar - não só contra o comunismo, as também contra a disseminação de ideologias de inspiração marxista na Igreja.

Em meados dos anos 1980, as ditaduras militares apresentavam um desgaste insustentável e, no caso brasileiro, a abertura política é vista pela população como a cura para todos os males. Pensava-se que a participação popular, através das eleições livres e do voto direto resolveria a situação caótica na qual o país se encontrava. A realidade, porém, foi bem diferente. Após a mobilização nacional através do movimento “Diretas Já” e a grande comoção causada pela morte do Presidente Tancredo Neves, sucederam-se inúmeros planos econômicos que não obtiveram sucesso, agravando ainda mais as finanças o governo e conseqüentemente, as condições de vida da população.

Neste contexto de desilusão, os paradigmas tradicionais do marxismo, com o colapso do Império Soviético, sofrem também um abalo, era o fim das grandes utopias.

Em 1981, o Frei Leonardo Boff, já reconhecido internacionalmente como um dos maiores teóricos da Teologia da Libertação, publicou o livro Igreja: carisma e poder. Tal obra, causou inicialmente, a reação da Comissão arquiocesana para a Doutrina da Fé o Rio de Janeiro, que lhe teceu várias críticas.

A polêmica em torno do livro se avolumou nos anos seguintes e, em 11 de março de 1985, a Congregação para a Doutrina da Fé publica a Notificação sobre o livro “Igreja: carisma e poder. Ensaio de eclesiologia militante” de Frei Leonardo Boff, O.F.M., buscava-se, entretanto, entender em que este livro se diferenciava das demais obras publicadas a cerca da Teologia da Libertação.

Em outras obras, Boff já havia enfatizado questões ligadas à ação pastoral da Igreja em especial na América Latina, chamando a atenção para a necessidade de um maior engajamento nas causas sociais e políticas – nem por isso foi censurado. Na obra Igreja: carisma e poder vieram à tona as interpretações sobre a Igreja a partir do Vaticano II: para o teólogo brasileiro, a Igreja instituição havia sufocado o carisma da verdadeira Igreja, e isso soou como um questionamento da hierarquia eclesiástica e do poder de Roma.

A reação por parte da Cúria não tardou. Através do Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o Cardeal Joseph Ratzinger, o conteúdo do livro passa a ser investigado e, em 06 de agosto de 1984, vem o primeiro contra-ataque com a publicação de “Instruções Sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação”. Neste documento são retomadas algumas posições que predominaram em Puebla, tal como a ideia de libertação integral, ou seja, uma libertação voltada não só aos aspectos materiais, mas, sobretudo, aos espirituais.

Com seu país dividido, vítima de dois posicionamentos ideológicos antagônicos, com grande parte da população ainda marcada pelos traumas, conseqüências e mazelas da II Guerra Mundial, em sua visão a possibilidade de aceitação do marxismo na teologia levaria fatalmente, a um envolvimento com a própria ideologia marxista e, daí ao totalitarismo.

No documento, várias práticas e posicionamentos dos seguidores da Teologia da Libertação são descritos e reprovados em sua leitura mais radical e militante. Eis alguns desses apontamentos: Na Notificação da Congregação para a Doutrina da Fé, de 11 de março de 1985, o Cardeal Ratzinger aponta claramente as opções presentes no livro que, segundo ele, são “insustentáveis”, a estrutura da Igreja, a concepção do dogma, o exercício do poder sagrado e o profetismo”.

Fica evidenciado na Notificação que as questões que mais incomodaram a Cúria Romana foram aquelas que questionaram a hierarquia e a estrutura de poder da Igreja. O cardeal selecionou cuidadosamente os trechos do livro que tratam desse assunto para, a partir daí, serem desqualificados.

Nos tópicos que envolviam a concepção do dogma e o profetismo, as observações

da Congregação para a Doutrina da Fé não foram tão contundentes. Prevaleceu uma discussão de diferentes pontos de vista teológicos, evidenciando ainda mais a “defesa” da estrutura administrativa e hierárquica da Igreja.

A censura à obra de Boff teve um significado muito mais amplo do que a condenação de uma obra poderia representar: foi, sobretudo, um freio definitivo à Teologia da Libertação e um marco na luta da cúria ao “enquadrar” as leituras mais progressistas do Vaticano II .

Durante todo o Pontificado de João Paulo II e de seu sucessor, Bento XVI, a Teologia da Libertação permaneceu praticamente “proscrita” dos meios católicos havendo apenas alguns focos de resistência na América Latina por conta de poucos bispos progressistas que ainda permitiam seu estudo e suas práticas .

No Pontificado de Bento XVI é feita uma releitura dos documentos produzidos no Concílio Vaticano II de forma que pudesse prevalecer a visão conservadora baseada nas tradições e no magistério da Igreja, esta releitura foi intitulada de Hermenêutica da continuidade e buscava sepultar definitivamente qualquer tentativa de interpretações progressistas sobre o Concílio , particularmente, as de Medellín .

Atacando a hermenêutica progressista, chamada por ele de “da ruptura” ou da “descontinuidade”, Bento XVI, propõe uma releitura do Concílio, com base na tradição e no magistério da Igreja; de certa forma, reforçando ainda mais a posição de seu antecessor, de colocar a Igreja na condição de “mestra da verdade” próxima da condição que gozava no pré-concílio e não mais de “Povo de Deus”.

Neste embate entre as hermenêuticas, surge uma outra problemática, quando se fala em continuidade ou ruptura das representações, as visões de mundo que cada grupo construíra. Vão além de qualquer método hermenêutico, por isso nada mais relativo do que a fala de ambos os grupos quando apontam para aquilo que seria “uma correta interpretação”.

Todo o esforço de Bento XVI na defesa da tradição e do conservadorismo no entanto, sofre um duro golpe com uma série de escândalos que assolaram seu pontificado, crimes de pedofilia envolvendo religiosos da Europa e EUA, vazamento de documentos secretos do Vaticano, problemas de gestão no Banco do Vaticano, além de diferentes facções constantemente se digladiarem na Cúria Romana. Não resistindo a esta série de acontecimentos, o papa renuncia a 11 de fevereiro de 2013.

Pouco mais de um mês após a renúncia e após quinto escrutínio do 2º dia do conclave Jorge Mário Bergoglio é eleito Papa aos 76 anos de idade.

Interpretações no Campo Religioso : Apontamentos Teórico-Metodológicos

O estudo das religiões, de modo geral e, particularmente, do catolicismo, é uma Atividade instigante. Dentre os problemas teórico-metodológicos enfrentados pelo pesquisador da (s) religião(ões), elencamos dois como principais: a amplitude

e complexidade do campo religioso, que se mistura com outros campos, aos quais se mistura, influenciando-os e sendo influenciado por estes; outro aspecto a ser considerado, é a multiplicidade de métodos a serem utilizados na pesquisa haja vista a abrangência, do fenômeno religioso tanto na esfera individual quanto na social. Em relação ao estudo das repercussões do Vaticano II, apresenta-se necessária a retomada o conceito de representações, individuais ou coletivas, situando-se ambas entre o limiar da sociologia e da psicologia.

Na busca de edificar o lastro da pesquisa, propomo-nos à compreensão dos caminhos assumidos pela Igreja após o Concílio, como também a verificação dos caminhos que levaram ao surgimento de um neoconservadorismo católico. Destarte, impõe-se um duplo desafio: interpretar os rumos do Vaticano II a partir dos anseios institucionais em sua época, como por exemplo, a busca de aproximação com o bloco socialista para tentar diminuir a perseguição aos religiosos nestes países ou ainda, a partir de seus desdobramentos e em termos pastorais, colocar o clero em contato com o mundo e não mais “acima” dele.

Além dos aspectos teológicos e pastorais do Concílio, as interpretações sobre este evento, por parte do clero brasileiro, podem ter sido influenciadas pelo próprio panorama político da época, o embate entre o capitalismo e o socialismo num contexto de ditadura militar. Por outro lado, nos anos 80, o panorama político favorável à redemocratização brasileira e, num contexto mais amplo, a queda do Muro de Berlim, fizeram o foco das atenções mudar, assegurando a sobrevivência da Igreja perante o socialismo. Era, portanto, o momento de fortalecer a instituição como grande guia espiritual ou, no dizer de Libânio (1983), “A volta à grande disciplina” com ênfase ao embate entre os neoconservadores e os progressistas. Neste caso, podemos ter como fonte os textos elaborados pelos teóricos de ambas as vertentes, sobre a visão de suas comunidades, a respeito do Concílio e de seus desdobramentos, ou ainda, de como seus autores interpretaram as mensagens de Roma. Aqui, nos parece útil a proposta hermenêutica de Paul Ricoeur, especialmente a análise das práticas apreendidas dos bens simbólicos, produzindo diferentes usos e significações, um trabalho que busque as relações entre os fenômenos religiosos, as interações entre as instituições religiosas e os fiéis, seja ao longo do processo histórico, seja na sociedade atual. Tal escolha se justifica pelo fato de Ricoeur ter buscado, sobretudo, compreender como um texto pode ser interpretado pelo leitor, uma vez que, o texto traz consigo uma diversidade de informações que precisam ser extraídas em seu sentido, precisam ser interpretadas.

O texto guarda a sua pretensão de dizer alguma coisa sobre a realidade. Ele exprime um certo “mundo”. “Com efeito, o que deve ser interpretado num texto é uma proposição de mundo, de um mundo que eu possa habitar para projetar nele um de meus possíveis mais próprios ... É o que eu chamo de mundo do texto, o mundo próprio desse texto único.”Devemos, por isso, rejeitar a alternativa de uma hermenêutica polarizada na compreensão da intenção do autor, e de um método estrutural polarizado na explicação da estrutura do texto. “A alternativa da intenção

ou da estrutura é vã. Porque a referência do texto – o que eu chamo a coisa do texto – não é nem uma nem outra. Intenção e estrutura designam o sentido; o mundo do texto designa a referência do discurso, não o que é dito, mas aquilo sobre o que ele é dito. A coisa do texto é o objeto da hermenêutica. E a coisa do texto é o mundo que o texto desdobra diante de si”. (RICOEUR apud GEFFRÉ, 1989,p.51)

Para Ricoeur, todo o pensamento moderno torna-se, assim, interpretação, de modo que, a questão essencial não estaria em descobrir os “erros” ou “mentiras”, nem em procurar estabelecer a “verdade”, mas em perceber a ilusão. Assim, nos coloca:

A esse respeito, direi de bom grado que a função simbólica, vale dizer, a possibilidade de designar o real mediante signos, só está completa quando é pensada a partir do duplo princípio da diferença e da referência, logo, a partir de uma categoria “inconsciente” e de uma categoria “egológica”. A *função simbólica* é, certamente, a capacidade de colocar todo intercâmbio (e, entre eles, os intercâmbios de signos) sob uma lei, sob uma regra, logo sob um princípio anônimo que transcende os sujeitos. Mas ela é, mais ainda, a capacidade de atualizar essa regra num acontecimento, numa instância de intercâmbio, cujo protótipo é a instância de discurso (apud Ricoeur, 1978, p. 218).

Diante do exposto, torna-se importante também a compreensão do conceito de representações, pois estas exerceriam uma influência direta nas diferentes interpretações acerca do mesmo acontecimento histórico.

O termo representações, ao que tudo indica, teve sua origem na ideia de representações coletivas proposta por Durkheim. Seu surgimento portanto, teve ligação direta com a elaboração de uma teoria da religião - para Durkheim, fenômenos como a religião, magia e misticismo, não poderiam ser explicados em termos individuais pois seriam produto da coletividade.

Como um sistema de conhecimentos e de crenças que teriam origem na sociedade e na experiência social, surgiriam as representações coletivas, as quais, por sua vez, seriam resultado desse sistema e serviriam para dar plausibilidade e justificativa à organização social. Todo o arcabouço sócio-cultural de uma coletividade serviria, assim, para legitimar, dar sustentação e lógica às divisões da sociedade.

No final do século XIX, inúmeros teóricos operaram na tentativa de classificar os fenômenos humanos sob dois aspectos: o individual e o coletivo. Dentre eles, o próprio Durkheim, distinguiu representações individuais de representações coletivas; já Wundt, um dos pais fundadores da psicologia, vai distinguir a psicologia sob o aspecto fisiológico da psicologia das pessoas (*volkerpsychologie*).

Teóricos mais recentes como Moscovici (2003, p.29-88, *passim*), fizeram uma diferenciação entre as representações sociais e as representações coletivas propostas por Durkheim. Estas últimas seriam menos adequadas à complexidade e ao pluralismo das sociedades modernas, ou mesmo das pós-modernas.

O conceito de representação social, portanto, situa-se entre a sociologia e a psicologia. Originou-se das teses de Durkheim que apontavam que o conhecimento só poderia ser encontrado na vida em sociedade, o que assenta, as representações coletivas num conjunto de conhecimentos e crenças derivados do corpo social.

Para Durkheim, o conceito de representações coletivas estaria mais ligado à

transmissão da *herança dos antepassados*; já para Moscovici (loc.cit.), a representação social, além de uma maneira de transmitir a *herança coletiva*, seria um reflexo de como os indivíduos conseguem interagir na *construção* da sociedade, não sendo apenas influenciados por ela, mas também contribuindo para sua transformação. Assim, coloca-se contrário à ideia de que grupos e indivíduos estejam sempre dominados, em termos ideológicos pelas classes sociais, pelo Estado, pela Igreja etc. Em sua tese, defende que a autonomia do ser humano como produtor de representações aponta para duas vertentes de conhecimentos percebidos pela sociedade: de um lado, as representações dos cientistas, como especialistas das diversas áreas do saber; de outro, os conhecimentos produzidos pelos próprios membros da sociedade, por pessoas leigas que se agrupam em torno de ideias comuns.

CHARTIER (1991, p. 173-188, *passim*), retomou a visão de Durkheim e Mauss a respeito das representações coletivas e, para entendermos como a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos sociais, propôs três interessantes caminhos: um, através de práticas que visam fazer conhecer uma realidade social; outro a construção dessa realidade de maneira contraditória pelos diferentes grupos sociais; por fim, as formas institucionalizadas pelas quais os *representantes* garantem a continuidade do grupo.

O autor nos coloca uma *dupla via*“ para entendermos a construção das identidades sociais: como resultantes de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder” ou, como “recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo”(CHARTIER, op.cit. p. 183) .

Com efeito, devemos considerar “não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é deles”(CHARTIER, op.cit. p. 177).

Retomando as teorias de Ricoeur, o próprio Chartier volta sua atenção para o encontro entre o mundo do texto e o mundo do leitor e as conseqüências disso. Sua pesquisa leva em conta que a construção de sentido efetuada pelo leitor faz parte de um processo historicamente determinado cujos modos e modelos são variáveis conforme o tempo, o espaço e as comunidades a que está inserido. Portanto,

para ele :

Contra uma definição puramente semântica do texto, é preciso considerar que as formas produzem sentido, e que um texto estável em sua literalidade investe-se de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os dispositivos do objetivo tipográfico que o propõe à leitura (CHARTIER,op. cit. p. 178).

Chartier é enfático quanto ao papel das representações no indivíduo e na sociedade, para ele:

As representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus

espectadores que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram”(CHARTIER apud ROCHA, 2011).

Assim considerando, o campo religioso apresenta uma multiplicidade de elementos simbólicos que podem ser interpretados de diferentes maneiras e com olhares diversos, pelos leitores, construindo o “seu próprio mundo” e imprimindo-lhe sentido.

CONCLUSÃO

Embora a opção preferencial pelos pobres remonte ao início da década de 60 com o já citado Pacto das Catacumbas e mais tarde no início dos anos 70 tenha ganhado ênfase com a Teologia da Libertação, a maioria dos estudos acadêmicos sobre o tema falam ou das questões teológicas em si, ou da repercussão social dessa teologia. Propusemo-nos a ir além, ainda que de forma breve, interessou-nos os impactos da Teologia da Libertação na sociedade e na Política, porém, vistos num viés que priorizou a compreensão da perspectiva interna da Igreja, os posicionamentos da hierarquia em relação a este assunto e, em especial da Cúria Romana.

Na busca de interpretações sobre os mesmos documentos por parte das diversas correntes político-teológicas na Igreja, surgiram diferentes posicionamentos e diversas visões de mundo às vezes complementares, às vezes excludentes umas às outras, interessou-nos desvendar esta dinâmica no seu contexto histórico porém, dentro de uma perspectiva teórico-metodológica própria da História das Religiões.

REFERÊNCIAS

FONTES

III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: **PUEBLA a evangelização no presente e no futuro da América Latina** - texto oficial CNBB. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

Congregação para a Doutrina da Fé. **A Mensagem de Fátima**. Vaticano, 2000. Disp. em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html > Acesso em 06 fev. 2009.

ORTH, Odilon. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio –conclusões de Medellín**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

RATZINGER, Joseph. **Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”**. Sagrada Congregação para a doutrina da fé. Roma, 1984. Disponível em http://www.vatican.va/Roman_curia/congregations/cfaith/documents/...> acesso em 15/03/2013.

_____. **Notificação sobre o livro “Igreja:carisma e poder.Ensaio de eclesiologia militante” de Frei Leonardo Boff, O.F.M.** Sagrada Congregação para a doutrina da fé. Roma,1985. http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/...> acesso em 10/05/2013.

Referências Bibliográficas

ALBERIGO, Giuseppe (Dir.) . **História do Concílio Vaticano II**.Petrópolis: Vozes, 1996, v.1.

_____. *Breve História do Concílio Vaticano II (1959-1965)*. Aparecida: Editora Santuário, 2006.

_____. Vatican II et son Héritage. *SCHEC, Études d'histoire religieuse*, Quebec, 62 (1996), p.7-24.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**. 1991, vol.5, n.11 [cited 2010-07-21], pp. 173-191 . <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>

DUFFY, Eamon. **Santos e Pecadores : História dos Papas.**(trad. Luiz Antônio Araújo) . São Paulo : Cosac & Naify, 1998.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREI BETO. **Diário de Puebla**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. **Puebla para o povo**.4.ed.Petrópolis: Vozes, 1981.

GEFFRÉ, Claude. **Crer e interpretar a virada hermenêutica da teologia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GUTIERREZ, Gustavo. **Pobres e libertação em Puebla**. São Paulo : Paulinas, 1980.

LIBÂNIO, J.B. **A volta à grande disciplina** .São Paulo: Loyola, 1983.

_____. **Cenários da Igreja**. 3.ed. São Paulo : Loyola, 2001.

MATTEI, Roberto de . **Il Concílio Vaticano II una storia mai scritta**. Torino-Italia: Lindau, 2010.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais : investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro:Vozes, 2003.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações, ensaios de hermenêutica**. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

ROCHA, João Cezar de Castro (org.). **Roger Chartier a força das representações: história e ficção**. Chapecó : Argos, 2011.

TRUJILLO, Alfonso Lopez. **Opções e interpretações à luz de Puebla**. São Paulo : Loyola, 1982.

SOBRE A ORGANIZADORA

DENISE PEREIRA: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.